

## SELEÇÃO LEXICAL COMO OBJETO DE ENSINO EM VIDEOAULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

### LEXICAL SELECTION AS AN OBJECT OF TEACHING IN PORTUGUESE LANGUAGE VIDEO LESSONS

Herbertt Neves (UFPE/UFCEG)<sup>1</sup>

Beatriz Farias Almeida (UFCEG)<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente estudo objetivou investigar o tratamento pedagógico dado à seleção lexical em videoaulas para o ensino de língua portuguesa. Direcionamos nossa atenção nas práticas de produção de videoaulas, com foco na seleção vocabular, uma vez que estas assumiram um papel de destaque no cenário pedagógico de nosso país, principalmente em virtude da reorganização metodológica que o ensino experienciou, considerando a pandemia do Covid-19. Assim sendo, nossa pesquisa pode ser caracterizada como documental, aplicada e de finalidade interpretativo-descritiva. O percurso metodológico desenvolvido iniciou pela catalogação de cinco videoaulas, distribuídas em quatro canais educativos *on-line*, dois em plataforma própria e dois na plataforma YouTube, e, posteriormente, sua interpretação. Para a análise dos conteúdos, pautamo-nos nas contribuições teóricas de Neves (2020), Antunes (2012), Bezerra e Reinaldo (2020), Rocha (2008) e Freire (2015). Por fim, diante dos resultados obtidos, constatamos o trabalho da seleção lexical com os critérios de adequação ao tema, propósito, leitor/ouvinte, gênero textual e contexto. Esses objetos se organizam no eixo de ensino do léxico voltado para o funcionamento textual-interativo dos itens lexicais. Com relação às perspectivas de análise linguística, verificamos que a maior parte das ocorrências estão alinhadas às tendências inovadora e conciliadora.

**Palavras-chave:** Ensino do léxico; Análise linguística; Seleção lexical

**Abstract:** This study aimed to investigate the pedagogical treatment given to lexical selection in video lessons for teaching Portuguese. We gave attention to video lessons production practices, focusing on vocabulary selection, since these have assumed a prominent role in the pedagogical scenario of our country, mainly due to the methodological reorganization that teaching has experienced, considering the Covid-19 pandemic. Therefore, our research is documentary, applied and has an interpretive-descriptive purpose. The methodological approach developed began with the cataloging of five video lessons, distributed among four online educational channels, two on their own platforms and two on the YouTube platform, followed by their interpretation. For the analysis of the contents, we draw from the theoretical contributions of Neves (2020), Antunes (2012), Bezerra and Reinaldo (2020), Rocha (2008) and Freire (2015). Finally, based on the results obtained, we observed the work of lexical selection according to criteria of suitability to the theme, purpose, reader/listener, textual genre, and context. These aspects are organized within the axis of lexical teaching focused on the textual-interactive functioning of lexical items. Regarding the perspectives of linguistic analysis, we verified that the majority of occurrences are aligned with innovative and conciliatory tendencies.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras (Linguística) pela UFPE. E-mail: herbertt.neves@ufpe.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4454-2755>.

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE/UFCEG) e licenciada em Letras - Língua portuguesa pela Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: beaalmeida740@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9792-3703>.

**Keywords:** Lexicon teaching; Linguistic analysis; Lexical selection

## Introdução

Pensar o ensino de léxico requer, em primeira instância, contemplar a amplitude desse sistema linguístico, que não abrange tão somente o conjunto de palavras dicionarizadas de uma língua, como também aquelas que são utilizadas no cotidiano, mas ainda não foram registradas, dada a velocidade de expansão desse sistema por intermédio da criação de neologismos – cuja existência visa a suprir as demandas de uma sociedade em constante ebulição – e o desaparecimento dos arcaísmos, em consonância ao desuso de uma e outra noções não mais produtivas no atual cenário em que estamos situados. Em segunda instância, faz-se necessário refletir sobre a sua sistematização em aulas de língua portuguesa, isso se considerarmos que a compreensão de um sistema tão profícuo – amparado por aspectos de natureza social, histórica e cultural – contribuiria para o desenvolvimento da competência comunicativa, não apenas servindo como uma fonte inesgotável de palavras, mas, sobretudo, criando condições para que os estudantes pudessem selecioná-las de forma consciente e efetiva, adequando-se aos contextos de uso.

A realidade geral das aulas de português, todavia, destoava desse cenário descrito. Nesse sentido, Antunes (2012) ressalta as inadequações e a marginalização do ensino do léxico em aulas de língua materna no Brasil. A autora traz à luz discussões acerca de como a gramática ocupa um lugar privilegiado no panorama educacional de nosso país, comumente associada à única forma adequada de dominar a dita norma culta, enquanto o desenvolvimento da competência lexical permanece relegado ao limiar de abordagens pontuais, em geral, centradas no tratamento de sua dimensão estrutural. Nesta pesquisa, voltamos nosso olhar ao estudo do léxico em Língua Portuguesa (LP) alinhado aos usos linguísticos.

Para tanto, buscamos dados nas práticas de produção de videoaulas, tendo em vista que elas ganharam bastante espaço no cotidiano escolar, especialmente após a reorganização metodológica que o ensino experienciou, em decorrência da pandemia de Covid-19, que restringiu consideravelmente o acesso às ferramentas tradicionais da prática educacional, colocando em destaque formatos audiovisuais de materiais didáticos que, mesmo tendo sua massiva adoção diminuída no contexto pós-pandemia, ainda figuram como importantes fontes de estudo.

Conforme Geraldí (2019) aponta, há intrínsecas nas salas de aula, de modo geral, construções tácitas que tolhem os profissionais da educação, determinando o que ensinar e quais metodologias assumir. Sobressaem-se, assim, conteúdos há muito obsoletos, ao passo que as descobertas da área da Linguística permanecem restritas à academia, mantendo-se distantes da Educação Básica. Interessa-nos, dessa forma, compreender a didatização da seleção lexical em videoaulas para o ensino de língua portuguesa, uma vez que essas produções, às margens das instituições tradicionais de ensino, configuram-se como novas possibilidades do fazer pedagógico. O gênero *videoaula*, segundo Mussio (2016), prevê a participação do educador, como apresentador e professor, e do educando, como usuário digital. A interação entre ambos os papéis é mediada pela interface das tecnologias da comunicação, permitindo que o aluno transcenda a linearidade inerente às aulas tradicionais.

Sobre a adesão dos professores e estudantes da Educação Básica a essa ferramenta, destacamos a facilidade de acesso aos materiais gratuitos, que cada vez mais se proliferam em seus mais diversos formatos. É válido ressaltar que as videoaulas não são um fenômeno inédito, muito menos surgiram excepcionalmente para auxiliar os profissionais da educação nessa nova configuração escolar. Esse tipo de produção já era conhecido como um nicho bastante popular entre os criadores de conteúdo de grandes plataformas. Antes, porém, o acesso a tais produções estava restrito a uma forma de complementar os assuntos abordados em sala de aula, o que se

diferencia das atuais circunstâncias. À vista disso, assume-se uma nova funcionalidade do letramento digital (Rojo; Moura, 2019), que surge em contextos não escolares e, paulatinamente, é assimilado por instituições de ensino que buscam se adaptar às novas demandas educacionais.

Urge, por conseguinte, a necessidade de investigar a maneira como os conteúdos linguísticos vêm sendo abordados nessas videoaulas, bem como que concepções e perspectivas teóricas são reveladas. Isso posto, nosso recorte, neste trabalho, foi sobre os conteúdos ligados ao sistema lexical do português (Neves, 2020; Antunes, 2012), com foco na seleção vocabular, interface entre a textualidade e o léxico. Partindo desse cenário, este trabalho desenhou-se com o objetivo de *investigar o tratamento pedagógico dado à seleção lexical em videoaulas para o ensino de língua portuguesa*. Catalogamos e analisamos cinco videoaulas, em quatro canais diferentes, cuja temática central é o ensino da seleção lexical.

Consideramos a seleção lexical um mecanismo de elaboração enunciativa condicionado às intenções comunicativas de quem produz e aos papéis sociais desempenhados por esses indivíduos (Cardoso, 2015). Não por acaso, as escolhas lexicais empregadas em um texto, seja ele escrito ou oral, revelam aspectos inerentes à sua produção, no que diz respeito ao gênero textual a que se pretende atender, o público a que se destina, o suporte em que será veiculado ou a orientação ideológica defendida pelo autor. Há, aí, mais uma prova de que não há neutralidade no exercício da linguagem.

Este texto está organizado em seis seções. Nesta, apresentamos a contextualização do problema e o objetivo da escrita deste artigo. Na seção metodológica, descrevemos os procedimentos técnicos de coleta e análise do *corpus* e elucidamos os critérios de classificação da pesquisa. Nas seções teóricas, explicitamos um panorama histórico da produção de videoaulas, a noção de léxico adotada e os conceitos basilares a respeito da seleção lexical e das perspectivas de análise linguística. Na seção analítica, desenvolvemos reflexões voltadas à compreensão das videoaulas em questão, de modo a cumprir com as categorias de pesquisa estabelecidas. Por fim, nas considerações finais, elaboramos uma síntese das discussões empreendidas.

## 1 Aspectos metodológicos da pesquisa

Segundo Mascarenhas (2018) e Paiva (2019), podemos descrever nossa pesquisa como documental, uma vez que partimos da análise de fontes primárias, que se referem ao registro de informações sobre a temática, e de base dedutiva, uma vez que partimos de uma premissa mais geral, neste caso, a produção de videoaulas de língua portuguesa, para uma mais específica, que diz respeito a como a adequação vocabular é tratada em ambientes à margem da sala de aula. Levando isso em consideração, nosso trabalho tem finalidade interpretativo-descritiva e está orientado pelos pressupostos da Linguística Aplicada, em uma vertente que se preocupa em estender as contribuições dos estudos linguísticos para o ensino de português.

No que tange à abordagem do problema, esta pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa, pois, conforme Mascarenhas (2018, p. 46), ela explicita “os estudos [...] descritivos, voltados para a compreensão do objeto”, em que buscamos a análise, de modo mais aprofundado, das implicações pedagógicas reveladas pelo estudo de nosso objeto de pesquisa.

Iniciamos as etapas metodológicas com a coleta de dados, que culminou na seleção de cinco videoaulas, distribuídas em quatro canais educativos *on-line*, dois em plataforma própria — Geekie Games e Stoodi — e dois na plataforma YouTube — Estude & Passe e Canal Futura. Assumimos o requisito central de investigar videoaulas acessíveis à maior parte da comunidade estudantil, por isso optamos por vídeos disponibilizados de forma gratuita.

Vale ressaltar que, de acordo com o planejamento inicial, nossa coleta seria destinada às videoaulas veiculadas nos canais: Canal Ensino Médio Digital, Canal do Ensino, Canal Brasil Escola, Descomplica e Me Salva! Enem 2021. Todavia, no decurso dessa etapa, enfrentamos certa

dificuldade no que diz respeito à localização de materiais educativos que abordassem nosso objeto de pesquisa, neste caso, a seleção lexical, como também o obstáculo referente aos canais situados em plataformas próprias, que muitas vezes não ofertavam serviços gratuitos. Constatados os obstáculos, reorganizamos o nosso planejamento e demos continuidade à investigação, com a inserção dos termos “seleção lexical”, “seleção vocabular”, “adequação lexical”, “adequação vocabular”, “inadequação lexical” e “inadequação vocabular”, no mecanismo de busca do Google, selecionamos a opção “vídeos” na barra de sugestões e prosseguimos com a investigação, processo que se repetiu, também, no YouTube. Nas plataformas próprias, em função da baixa quantidade de videoaulas relacionadas ao assunto, não foi necessário estabelecer mais critérios de triagem além da pesquisa direcionada; no que tange ao YouTube, porém, após esse primeiro momento, optamos por selecionar canais de iniciativa coletiva, cujos vídeos objeto de análise dispusessem de uma quantidade de visualizações superior a mil. O quantitativo de cinco videoaulas a que chegamos é resultado direto de um universo de amostragem restrito à disponibilização deficitária do assunto pelos produtores de conteúdo.

Duas das cinco videoaulas catalogadas foram encontradas na plataforma Geekie Games. Intituladas como *Adequação vocabular* e *Interlocução e posicionamento*, apresentam uma média de duração que varia de seis a sete minutos. O terceiro vídeo está disponível na plataforma Stoodi, com o título de *Escolhas vocabulares*, e apresenta cerca de oito minutos de duração. Retirada do canal coletivo Estude & Passe, a quarta videoaula, intitulada *Adequação linguística*, tem duração de quatro minutos e vinte e sete segundos. Finalmente, o quinto vídeo é o de título *Aspectos lexicais e semânticos da produção textual*, localizado no Canal Futura do YouTube, contando com cerca de dez minutos de exposição.

Uma vez finalizada a coleta de dados, demos início à etapa seguinte, que correspondeu à delimitação dos objetos de conhecimento identificados nas videoaulas, referentes à primeira categoria de pesquisa, intitulada *objetos de aprendizagem da seleção lexical*. Neste momento, buscamos refletir acerca dos conteúdos verificados nas videoaulas selecionadas. Finalmente, na última etapa de pesquisa, concluímos também a segunda categoria de pesquisa, nomeada *perspectivas de análise linguística subjacentes ao ensino da seleção lexical*, em que buscamos entender a forma como a seleção lexical foi didatizada nessas videoaulas e, por consequência, a concepção de língua que norteou a abordagem desses conteúdos.

## 2 Breve panorama histórico do gênero videoaula no Brasil

A história das videoaulas no Brasil se entrelaça à emergência do cinema educacional brasileiro, isso porque, por volta da década de 1930, Getúlio Vargas direcionou sua atenção para a possibilidade de investir na consolidação da indústria cinematográfica brasileira (Mazzeu, 2012). Desse desejo surgiu, então, o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), cujo projeto de criação data de 1936, sob a direção de Roquette Pinto. Conforme Mazzeu (2012), no período em que esteve em pleno funcionamento, o INCE passou por dois grandes momentos. O primeiro, de 1936 a 1946, em que, sob a regência de Roquette Pinto, foram produzidos cerca de 244 filmes – em maioria de divulgação técnica e científica; e o segundo momento, sob a direção de Pedro Gouveia e Paschoal Lemme, que contou com um considerável declínio das produções, visto que, em quase vinte anos, foram desenvolvidos 115 filmes (Mazzeu, 2012). Em contrapartida à baixa demanda, o encerramento das atividades do ICNE foi inevitável e ocorreu no ano de 1967.

Para suprir a lacuna deixada pelo cinema educativo, surgem, então, os chamados telecursos, interpretados por Silveira *et al.* (2010) como responsáveis pela popularização das videoaulas entre o público brasileiro. Em uma extensa linha do tempo, que vai desde a década de 1960 até meados dos anos 2000, os autores dissertam sobre os modelos adotados pelos programas, o público a que se destinavam, as emissoras que veiculavam tais produções e a sua eficácia frente aos índices de

aprovação nos vestibulares. Não nos cabe, aqui, a tarefa de esmiuçar de forma exaustiva essa historiografia, mas elencamos como indispensáveis à compreensão desta nova fase, em 1961, (i) o primeiro programa de alfabetização, elaborado por Alfredina de Paiva; em 1970, (ii) o curso supletivo *João da Silva*, produzido pela Fundação Centro Brasileira de Televisão Educativa (FCTIVE); (iii) o Telecurso 2º Grau, em 1978, oriundo da parceria entre a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta; e o (iv) Telecurso 2000, de 1994 a 1995 (Silveira *et al.*, 2010). Mesmo que a real eficiência desses cursos a distância possa vir a ser questionada, é fato que a sua transmissão em TV aberta moldou gerações de brasileiros e influenciou diretamente nos modos de consumir mídias educativas.

Avançando um pouco mais à frente no tempo, conforme Oliveira (2020, p. 84), “o surgimento e o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação – as NTICs – funcionaram como combustível para a popularização de cursos na modalidade à distância”. Essa popularização, segundo o mesmo autor, culminou em uma vertiginosa expansão de cursos *on-line*, seja na educação formal, em suas múltiplas áreas, seja na forma de cursos corporativos, livres, de extensão. Simultaneamente à emergência dos cursos formais, constatamos também a descentralização do monopólio das videoaulas, tendo em vista que, se antes estas eram elaboradas e divulgadas por empresas televisivas, hoje qualquer indivíduo pode gravar vídeos discutindo sobre um determinado assunto e postá-los em suas redes sociais. A principal plataforma de compartilhamento desses materiais é o YouTube.

O ensino por meio de videoaulas, como pudemos observar, ganha novos contornos a cada década, adequando-se às tecnologias em voga, ao perfil dos estudantes e às perspectivas pedagógicas de maior acolhimento em cada geração. Esse gênero do discurso, segundo Mussio (2018), subdivide-se em dois grandes grupos, as videoaulas *explicitamente relacionadas a entidades institucionais*, produzidas para compor a grade curricular de programas EaD e, posteriormente, veiculadas gratuitamente como forma de divulgação; e as não ligadas a instituições, isto é, produzidas por professores ou anônimos. No que compete a nossa pesquisa, tomando como referência a classificação de Mussio (2018), podemos categorizar as videoaulas da Geekie Games, Stoodi e do Canal Futura como associadas a instituições consolidadas, ao passo que a do canal Estude & Passe seria então classificada como de criação independente por parte de um profissional da educação.

Esta pesquisa, portanto, revela interesse na investigação de como essas videoaulas, tomadas como inovações complementares ao ensino tradicional em modalidade presencial e híbrida, ou ainda como alternativas de estudo autônomas, efetuam a didatização dos conteúdos de língua portuguesa, com foco na seleção vocabular. Considerando a proliferação cada vez maior e mais veloz de informações, é indispensável que pesquisas da área da Linguística Aplicada tomem como objeto de estudo o gênero em debate, tanto para averiguar as condições de produção e os materiais disponibilizados nessas plataformas, quanto para formular questões e sugerir intervenções nas possíveis lacunas existentes nesse meio, contribuindo para a sua melhoria.

### 3 Sobre as relações entre léxico, textualidade e ensino

Nesta seção, versaremos a respeito do conceito de seleção lexical e dos critérios extralinguísticos mobilizados no momento da interação comunicativa para essa seleção. Em seguida, vamos direcionar nosso olhar às particularidades subjacentes às tendências de análise linguística postuladas por Bezerra e Reinaldo (2020).

#### 3.1 Seleção lexical

Segundo Rocha (2008), a eficiência comunicativa está diretamente relacionada à escolha de palavras das quais o sujeito lança mão. Isso porque os falantes de uma língua não selecionam palavras aleatoriamente para compor seu discurso, mas, sim, para produzir efeitos de sentido ancorados à carga ideológica que visam transmitir nas entrelinhas, podendo ser essa carga de “caráter classificatório, pejorativo, discriminatório, além de possibilitar a apresentação de rótulos” (Freire, 2015, p. 423). Não há como afirmar, portanto, que a linguagem é neutra, levando em consideração que tudo que proferimos é concernente a quem somos, em que acreditamos, a quem nos referimos e que objetivo pretendemos alcançar.

É preciso tomarmos como ponto de partida o fato de que conhecer um item lexical implica, para além de apreender o seu significado literal, entender os campos semânticos a que está associado, as relações sintagmáticas que pode estabelecer, a frequência com que ocorre nas modalidades oral e escrita e os contextos situacionais que permitem o seu emprego (Oliveira, 2010). Os falantes de uma língua, em geral, dispõem dessas informações intuitivamente, pois as interações com seus pares possibilitaram a aquisição da competência lexical, isto é, o conjunto de itens lexicais dos quais faz uso. Enquanto usuários da língua imersos em diferentes práticas de linguagem e esferas comunicativas, porém, depender única e exclusivamente da intuição pode prejudicar a sua mobilidade em sociedade letrada. Diante disso, as aulas de língua portuguesa têm de oportunizar o manejo com as palavras de forma consciente, amparado por critérios explícitos de adequação e alternância vocabular.

A sistematização do ensino da seleção lexical, conforme Neves (2020), deve contemplar a complexidade desse mecanismo linguístico na constituição da textualidade. É necessário, por isso, direcionarmos nosso olhar ao contexto em que a produção está inserida, à intencionalidade e aos sentidos mais comuns atribuídos a um determinado vocábulo. Além disso, a escolha de uma palavra e não outra para compor a superfície textual está ligada também a como o indivíduo molda seu discurso para que a mensagem seja transmitida sem maiores prejuízos (Castro, 2001). Para Antunes (2012), alguns dos fatores que condicionam as escolhas lexicais são assunto/tema, propósito interacional, gênero textual, suporte, leitor/ouvinte, modalidade, grau de formalidade e contexto.

No que tange ao tema, a autora ressalta que as palavras selecionadas para compor uma mensagem são delimitadas pelo conteúdo a ser tratado pelo autor, uma vez que é de suma importância conhecer o objeto do qual se pretende falar, visto que este seleciona e delimita palavras adequadas à sua abordagem. O propósito interacional, por sua vez, está intimamente ligado ao que pretendemos alcançar por intermédio de nossa mensagem (Antunes, 2012). A finalidade comunicativa de um determinado enunciado, assim, estipula quais palavras serão ou não efetivas para a sua transmissão, levando em consideração os objetivos intrínsecos às nossas ações de linguagem.

Já no que se refere ao gênero textual, percebem-se configurações específicas que, apesar de não apontarem para regras rígidas, instituem certas especificidades linguísticas que, via de regra, norteiam as escolhas vocabulares do enunciador. Um anúncio, uma matéria jornalística, um artigo científico ou uma crônica mobilizam escolhas lexicais distintas, em virtude de características próprias a esse gênero, relacionadas, inclusive, a outros fatores de seleção vocabular, como é o caso do suporte em que esses textos serão veiculados.

Outro fator mencionado é o leitor/ouvinte a quem se direciona a mensagem. Quando enunciamos, o fazemos pensando em um interlocutor, e é mediante essa constatação que adequamos nossas escolhas, para que nossa mensagem seja assimilada do melhor modo possível. No que diz respeito à modalidade, Antunes (2012) destaca que o uso da língua, no âmbito oral ou escrito, influencia diretamente na decisão das palavras que irão compor a materialidade textual, sobretudo em virtude das exigências de cada uma dessas modalidades. Ao passo que a oralidade está amparada por elementos contextuais e um interlocutor presente, a escrita precisa

suprir a ausência destes por meio de uma escolha lexical mais acurada, o que as distancia, ainda que possam abordar o mesmo tema.

Finalmente, um outro aspecto indispensável na seleção lexical é o grau de formalidade, definido pela autora como “a harmonia que se espera entre texto e contexto” (Antunes, 2012, p. 57). O uso de palavras mais rebuscadas, simples ou termos técnicos depende da situação em que o enunciador está inserido, além da modalidade em vigor. Uma conversa entre amigos e a apresentação de uma conferência estão posicionadas em extremos opostos de formalidade.

Esses critérios, quando trabalhados de forma adequada em sala de aula, têm potencial para desenvolver e ampliar a competência comunicativa dos estudantes, seja no âmbito da leitura, seja no âmbito da escrita. Com relação à leitura, os estudantes serão instrumentalizados com a noção de que texto algum é imparcial, sendo assim, os exemplares com os quais são bombardeados todos os dias nas mídias sociais veiculam mensagens que apenas um leitor proficiente pode depreender os reais sentidos subjacentes, escolhendo ou não se deve legar credibilidade a essa informação. No que concerne à escrita, desenvolverão autonomia para se posicionarem e expressarem juízos de valor a respeito de determinado conteúdo, libertos da reprodução acrítica a que somos, em geral, condicionados.

Não por acaso, se rememorarmos o fato de que as videoaulas selecionadas para compor o nosso *corpus* são destinadas aos estudantes do Ensino Médio, uma outra questão se faz presente, a produção de redações de vestibular, que possibilitam a admissão dos estudantes em instituições públicas e particulares de ensino superior. Nesse sentido, o ensino sistematizado da seleção vocabular é de suma importância para a construção argumentativa do texto, bem como para a manutenção dos mecanismos de coesão e de coerência, responsáveis pela estruturação das ideias (Bezerra, 2021).

O ensino desse componente linguístico, todavia, é condicionado pela perspectiva de língua e, por consequência, de análise linguística a que os profissionais da educação se filiam, optando por abordá-lo sob diferentes faces, desde a estrutural até a discursivo-pragmática.

### 3.2 Perspectivas de análise linguística com foco no léxico

Conforme Bezerra e Reinaldo (2020), o ensino no eixo de Análise Linguística (AL) requer uma atenção especial no que diz respeito a sua aplicação em sala de aula, tendo em vista os obstáculos referentes à heterogeneidade das orientações teóricas que a fundamentam, configurando-se como um termo guarda-chuva, o que dificulta a formulação de uma definição geral, posto que, enquanto as correntes de cunho estruturalista e gerativista priorizam o estudo de unidades menores da língua, como a frase, as abordagens de caráter funcionalista tomam como objeto de análise unidades maiores, como o texto, o gênero e o discurso em uso, isso porque seu enfoque recai sobre a eficiência comunicativa. As autoras resgatam três tendências de análise linguística recorrentes em coleções de livros didáticos: conservadora, conciliadora e inovadora.

A tendência conservadora relaciona-se estreitamente com a reprodução de conteúdos propostos pela Gramática Tradicional, entre eles os aspectos “descritivos (classes e flexão de palavras, classificação dos termos das orações e das orações no período sintático) e aspectos prescritivos (ortografia, acentuação gráfica, concordância e regência verbo-nominal)” (Bezerra; Reinaldo, 2020, p. 69). No tocante à abordagem do componente lexical, a perspectiva conservadora considera o exercício mecânico de classificação das palavras, sem observá-las, no entanto, em sua atuação na tessitura da superfície textual. Há ênfase nos processos de formação de palavras, mas o diálogo não alcança seu propósito comunicativo, limitando-se a dissecar sua estrutura constituinte, visando à sistematização de um conhecimento pouco efetivo no que diz respeito aos usos reais da língua. A abordagem, então, é mais gramatical, morfossintática que lexical propriamente dita. No

que compete aos estudos de significado, o trabalho central é voltado para atividades de substituição e de identificação de palavras isoladas ou extraídas de seu contexto original.

A tendência inovadora, por seu turno, “adota denominações para o estudo da língua inspiradas nas contribuições da Linguística e se caracteriza pela não sistematização de temas e atividades a eles relacionadas” (Bezerra; Reinaldo, 2020, p. 79). Está focada, portanto, nos usos reais da língua, enfatizando o recurso da epilinguagem, ou seja, a realização de atividades centradas na reflexão sobre o uso dos recursos linguísticos, por parte dos próprios estudantes, na construção textual-discursiva de suas produções (Geraldi, 1993), a fim de ampliar as competências de leitura e de escrita, além de atribuir valor à gama de conhecimentos linguísticos de que o falante dispõe.

Em consonância a essa noção, ao versarem acerca do ensino de língua à luz dos princípios da linguística funcional, Bispo *et al.* (2022, p. 195) afirmam que “o estudo da língua deve priorizar, por consequência da perspectiva adotada, dados reais de interação dos falantes, a fim de que possa captar, na situação comunicativa como um todo, as motivações, internas e externas ao sistema, para a codificação linguística”. Dessa maneira, o educando passa a pensar sobre a língua a partir do prisma de seu funcionamento textual-discursivo, de modo que o ensino do léxico não estaria relegado ao estudo de uma lista de palavras ou exclusivamente de suas propriedades morfológicas, mas, sim, seria voltado ao papel crucial desses vocábulos na construção, organização e produção de sentidos do texto, bem como à capacidade de produzir e compreender textos veiculados em diferentes suportes e espaços da sociedade (Serra, 2016). Aqui, o aluno direciona seu olhar para as adequações linguísticas inerentes à interação verbal e, por meio do processo de reformulação, amadurece a ideia de que o texto não é um produto que se esgota em sua própria existência, mas que está entrelaçado a um conjunto de condições que direcionam a utilização de um determinado recurso linguístico e não outro, que a língua é moldável, viva, não estática.

Por fim, a tendência conciliadora traz em seu cerne a articulação entre tópicos com contribuições teóricas da Linguística do Texto e assuntos concernentes à Gramática Tradicional. Mediante uma descrição cuidadosa das seções dos livros didáticos destinadas à AL, Bezerra e Reinaldo (2020) constataram que o processo pode ocorrer de forma que haja a mesclagem da tradição e da modernidade tanto em um só momento quanto em ocasiões — nesse caso, seções — separadas. Um dos exemplos citados pelas autoras é o tratamento dado às características mórficas subjacentes aos processos de formação de palavras e, posteriormente, à relação dessas palavras em sua dimensão discursiva, caso que podemos relacionar ao estudo do léxico a partir dessa perspectiva. Nesse ínterim, recorre-se à tendência conciliadora sobretudo em momentos que se pretende ir além do tradicional, dado que a metalinguagem, quando a serviço da epilinguagem, tem muito a contribuir com o processo de aquisição e de sistematização dos recursos de que a língua dispõe para que o falante se expresse.

Além disso, a análise linguística é costumeiramente associada tão somente a uma segunda alternativa para o ensino de gramática, o que não é verdade. Esse conjunto de práticas metodológicas abrange também o léxico, e por que não o faria? Afinal, tomando como base as palavras de Antunes (2002, p. 132), “na falta do que ‘dizer’ quase nada pode a gramática”. De nada adianta, por isso, um texto “higienizado” do ponto de vista das convenções gramaticais, mas que o autor nada tem a dizer ou sequer consegue articular suas ideias em uma sequência lógica e coerente. Dessa forma, traçar um plano de ensino para o léxico, pautado em usos reais e à luz das situações de interação, é essencial para a formação cidadã de indivíduos que se verão confrontados por diferentes práticas de linguagem, em que a construção do discurso pode ser um obstáculo, a depender dos déficits não sanados na educação básica; ou uma oportunidade de emancipação.

#### 4 Descrição e análise dos dados

Nesta seção, analisamos as videoaulas que compõem o *corpus*, a partir de reflexões acerca

dos conteúdos relativos à seleção lexical abordados nessas produções, assim como das perspectivas de análise linguística reveladas pelas escolhas pedagógicas implícitas ao ensino da seleção lexical.

#### 4.1 Objetos de conhecimento

Os objetos de conhecimento mais gerais identificados foram adequação lexical ao (1) tema, (2) propósito, (3) leitor/ouvinte, (4) gênero textual e (5) contexto. Para uma melhor visualização e sistematização, organizamos essas ocorrências em um quadro demonstrativo, a seguir:

**Quadro 1: Objetos de conhecimento da seleção lexical**

Canal	Videoaula	Objetos de conhecimento
Geekie Games Enem	Adequação vocabular	Adequação ao tema
Geekie Games Enem	Interlocução e posicionamento	Adequação ao propósito e ao ouvinte/leitor
Canal Futura	Aspectos lexicais e semânticos da produção textual	Adequação ao tema e ao ouvinte/leitor
Estude & Passe	Adequação linguística	Adequação ao propósito e ao contexto
Stoodi	Escolhas vocabulares	Adequação ao gênero textual

Fonte: Autoria própria (2024).

Tomando por base o Quadro 1, observamos a presença recorrente do objeto de conhecimento “Adequação ao tema”, identificado em duas ocorrências, referentes às videoaulas *Adequação vocabular*, da plataforma Geekie Games, e *Aspectos lexicais e semânticos da produção textual*, do Canal Futura.

Na videoaula da Geekie Games, menciona-se que o vocabulário utilizado em um texto revela escolhas sobre como abordar a realidade e que essas escolhas reverberam diretamente na produção de sentidos, visto que podem ser mais ou menos adequadas, considerando os efeitos que o autor da mensagem visa a alcançar. Após listar os critérios que o enunciador deve respeitar para que sua produção esteja adequada (gênero textual, interlocução e posicionamento assumido), anuncia-se que a primeira parte da aula será voltada apenas para a explanação do primeiro tópico. Nesse sentido, o objetivo dessa aula centra-se no tratamento da seleção lexical mediada pelo gênero textual, pois abordam-se uma questão de física da FUVEST e uma notícia do jornal Gazeta do povo, buscando ressaltar que o emprego da palavra “direção”, no primeiro exemplo, é um pouco mais rígido e não aceita a substituição pelo termo “sentido”, em razão de abordar uma temática de cunho técnico, como podemos observar na asserção “nesse contexto, a palavra 'direção' é repetida, ela aparece duas vezes porque não seria adequado substituí-la pela palavra 'sentido', embora em um texto que não fosse desse universo técnico, pudesse aqui tomar esses dois termos como sinônimos” (03:33 - 03:51, Geekie Games). Já, no segundo exemplo, há a possibilidade de intercâmbio entre ambos os vocábulos, dado que o foco principal da notícia é informar que o tráfego em direção às praias do Paraná e Santa Catarina era intenso.

Diante disso, uma segunda alternativa de enquadramento, para os exemplos, à seleção lexical seria associá-los à temática em função da área do conhecimento em que estão inseridos, uma vez que as escolhas estão condicionadas ao conteúdo sobre o qual o autor se propõe a produzir. Assim sendo, uma notícia ou manchete que tratasse de um acontecimento do ramo da física

também exigiria um vocabulário específico, do mesmo modo de uma questão de vestibular acerca de qualquer outra área.

No segundo vídeo, discute-se sobre a adequação da escrita à temática e elucida-se que, ao escrever um texto sobre redes sociais, mais especificamente voltado ao vício nessas redes, é inadequado que o aluno busque conectivos do século XIX, na tentativa de conceder à produção um aspecto “moderno”, colocação observada no excerto “vamos imaginar que você está escrevendo um texto sobre redes sociais, falando sobre o vício em redes sociais. É um tema super contemporâneo, e aí de repente você vai lá no passado, buscar conectivos do século XIX, que não são empregados nos textos modernos” (04:11 - 04:29, Canal Futura). Destaca-se que um bom texto não é aquele escrito a partir de escolhas vocabulares raras ou complexas, mas, sim, aquele em que o autor apresenta um vocabulário variado e detém plena consciência de seus significados: “é importante a gente frisar que a variedade de vocábulos é tão interessante quanto a escolha de vocábulos difíceis ou raros [...] Se você não conhece bem as palavras, não tem intimidade com elas, elas vão soar esquisitas dentro do seu texto” (02:54 - 3:27, Canal Futura). Embora a explicação enfatize a importância da temática no direcionamento das escolhas lexicais, o exemplo está equivocadamente, tendo em vista que os conectivos correspondem às unidades gramaticais, ou seja, artigos, pronomes, conjunções, advérbios, entre outros (Antunes, 2012), e não às unidades lexicais, responsáveis por abarcar substantivos, adjetivos e verbos. Ainda que seja um equívoco comum até em textos da lexicologia, ao fenômeno da seleção lexical não pode ser associado o uso de conectivos, porque eles atendem a demandas diferentes das unidades lexicais do texto. Acrescentamos que, com as devidas intervenções realizadas pelo professor de língua portuguesa, essa videoaula pode ser utilizada como um material complementar ao fazer pedagógico, tendo em vista a desmitificação da ideia de que palavras difíceis e desconexas semanticamente conferem valor ao texto.

O objeto “Adequação ao propósito”, por sua vez, foi encontrado nas videoaulas *Interlocução e posicionamento*, da plataforma Geekie Games, e *Adequação linguística*, do canal Estude&Passe.

No que diz respeito ao primeiro vídeo, afirma-se que o vocábulo escolhido para compor um enunciado é concernente ao “posicionamento” assumido por seu autor. Para exemplificar, resgata-se um trecho de uma questão da FUVEST que aborda a queda do acento agudo do verbo “parar” após a atualização da reforma ortográfica. Chama-se atenção para o fato de que o autor do comentário utiliza a palavra “roubar” em “o acento que a reforma ortográfica **roubou** do verbo ‘parar’”. Nesse caso, o emprego do termo “roubar” assume uma conotação negativa no que diz respeito à reforma. Desse modo, o autor utiliza-se das escolhas lexicais para demarcar seu posicionamento e, como propósito, busca incitar o apoio à campanha pela devolução do acento à palavra. Isto posto, os alunos são orientados a perceber as diferentes avaliações que se manifestam, em circunstâncias diversas, por meio da seleção vocabular.

No que se refere à segunda ocorrência, alega-se que a finalidade do discurso é crucial na determinação das palavras que serão empregadas, visto que uma ofensa mobiliza termos pejorativos, ao passo que um elogio orienta o autor a optar por palavras mais delicadas, que reforcem sua intenção. Quanto aos exemplos, ilustra-se que “se a sua intenção é ofender [...] normalmente, 'seu horroroso, seu chato', que feio, né? Mas é a forma que se ofende as pessoas, se é essa sua intenção” (03:41 - 03:58, Estude&Passe). Nesse item, há uma definição mais bem delimitada do que no anterior, dado que, na primeira, o propósito da comunicação está implícito no posicionamento que o sujeito-autor adota.

Sobre o objeto “Adequação ao ouvinte/leitor”, constatamos duas ocorrências presentes nos vídeos *Interlocução e posicionamento*, da Geekie Games, e *Aspectos lexicais e semânticos da produção textual*, do Canal Futura. Com relação ao vídeo da Geekie Games, apresenta-se mais um exemplo retirado de uma prova da FUVEST, dessa vez, com um fragmento do conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*, do escritor Guimarães Rosa (1946). No recorte, há um diálogo entre o personagem

Augusto e um padre; a questão tem como foco a adequação do discurso do padre ao seu ouvinte, um homem do campo. Para facilitar o entendimento de seu sermão, o sacerdote utiliza expressões próprias do meio rural, tais quais “Deus mede a espora pela rédea”, “aboio de chamar demônio” e “sua vida foi entortada no verde”, moldando seu discurso para aproximar-se e fazer-se entendido. Em sua sociedade tão diversa no que tange à raça, à classe, ao gênero e ao nível de escolaridade, é de suma importância lançar mão de um repertório lexical capaz de se adaptar aos diferentes interlocutores, tanto para transmitir a mensagem de forma mais eficiente possível, quanto para que estes se sintam confortáveis durante a comunicação.

Na segunda ocorrência, ressalta-se que um dos elementos fundamentais de uma produção textual é o seu público alvo: “quando a gente vai escrever um texto, a gente tem que se preocupar, dentre outros fatores, com o nosso público leitor, afinal de contas, esse é um dos pontos definidores do tipo de linguagem que a gente vai empregar” (00:10 - 00:23, Canal Futura). Cita-se que as escolhas lexicais empreendidas em um diálogo entre amigos e em um texto que será lido por seu chefe ou professor serão diferentes, uma vez que são norteadas pelo grau de formalidade exigido por esses indivíduos, colocação que pode ser mais bem constatada no trecho a seguir:

É por isso que eu falei do público. Por exemplo, pensando nos nossos amigos, a nossa linguagem vai ser mais informal, a gente tende às vezes, inclusive, à coloquialidade, enquanto que quando a gente vai escrever pra chefes, pessoas que estão em uma posição de professores, ou quando eu tenho que produzir um texto em uma situação que é um pouco mais formal, a nossa preocupação vai ser em transparecer isso no nosso texto (01:11 - 01:37, Canal Futura).

Enfatizamos que, embora o público alvo seja crucial para determinar a seleção lexical, o exemplo utilizado, em partes, não condiz com o objeto de conhecimento tratado, uma vez que o grau de formalidade que norteia a escolha das palavras, segundo Antunes (2012), é condicionado pela situação em que o sujeito está inserido — uma defesa de monografia, um encontro com os amigos ou uma reunião de trabalho — não por seu público, informação que é mais bem elucidada apenas no final da explicação, ao mencionar-se a produção de um texto em uma “situação que é um pouco mais formal”.

O objeto de conhecimento “Adequação ao gênero textual” foi identificado no vídeo *Escolhas vocabulares*, da plataforma Stoodi. Nessa videoaula, destacam-se três critérios concernentes à produção de um texto dissertativo-argumentativo: formalidade, impessoalidade e clareza. Aqui, nos limitaremos a analisar apenas o primeiro tópico, por ser um dos principais fatores, segundo Antunes (2012), que determinam as escolhas vocabulares. Além disso, na videoaula, o grau de formalidade recebe uma atenção maior que os demais conteúdos.

A partir da leitura e correção de um parágrafo introdutório de dissertação escolar, explica-se que a formalidade de uma produção está ligada ao domínio da norma culta: “quanto a formalidade, é garantir que a linguagem esteja adequada à norma culta” (01:38 - 01:44, Stoodi). No excerto exposto, sublinha-se a expressão “levando em conta” em decorrência de, segundo os argumentos apresentados, ser algo que tende à informalidade, o que, portanto, não se adéqua ao gênero, conforme verifica-se no fragmento “nós vamos ter a expressão 'levando em conta', que é muito do dia a dia, então nós vamos considerar como informalidade. Uma palavra coloquial que não combina com o texto dissertativo-argumentativo” (04:35 - 04:47, Stoodi). Logo, observamos a presença de incoerências subjacentes a essa afirmação. A primeira diz respeito à associação entre norma culta e formalidade, e a segunda está relacionada ao exemplo escolhido, que é incompatível com a definição apresentada.

O nível de formalidade adequa-se ao contexto, à situação em que há a interação. A norma culta, por sua vez, é descrita por Bagno (2012, p. 23) como sendo a “linguagem concretamente empregada pelos cidadãos que pertencem aos segmentos mais favorecidos da nossa população”,

ou seja, enquanto a formalidade de um texto considera aspectos lexicais, nesse caso, a seleção vocabular pautada no contexto, a norma culta se fixa nos elementos gramaticais da língua empregados por falantes da variedade urbana de prestígio. Assim sendo, o exemplo fornecido pode até ser inadequado ao gênero, mas por questões lexicais, não gramaticais.

Há uma ressalva, ao final da videoaula, semelhante às que já foram mencionadas em outras ocorrências, de que “um parágrafo argumentativo, pra ele ser claro, não necessita de um vocabulário rebuscado [...] O necessário é cumprir com a formalidade e a impessoalidade, e, claro, atender aos critérios de adequação de linguagem de cada vestibular e principalmente de cada gênero textual” (7:08 - 7:30, Stoodi). Reflete-se, assim, sobre como a eficiência comunicativa das palavras não está imbricada em seu prestígio social, mas na compreensão plena de seus significados, o que é, em suma, concernente ao ensino da seleção lexical.

Por fim, o objeto de conhecimento “Adequação ao contexto” foi encontrado na videoaula *Adequação linguística*, do canal Estude&Passe. De maneira geral, essa aula aborda a importância do ambiente para adequação discursiva, exemplificando com três situações distintas: uma igreja, um seminário de medicina e um jogo de futebol. Na igreja, comenta-se que serão utilizados, para a comunicação, jargões próprios daquele local, enquanto, em um estádio de futebol, muitas vezes, há espaço para o uso de palavras obscenas (os turpilóquios) como forma de expressão: “Se você está lá em um estádio de futebol, junto da tua torcida com seu time favorito, como é que você faz? Tem gente que até xinga palavrão [...] Então conforme o ambiente você molda o seu discurso” (02:31 - 02:43, Estude&Passe). Observamos que o item em questão dialoga com os princípios da adequação ao contexto, uma vez que salienta que cada situação específica demanda um vocabulário próprio, nesse caso, o fato de que palavras e expressões de cunho religioso não poderiam ser transpostas para um evento esportivo, mesmo que o indivíduo estivesse acompanhado de pessoas que comumente vão à igreja.

Reconhecemos, portanto, que (i) o principal fator relativo à seleção lexical é o tema de que trata o texto, o que vai definir, muitas vezes, o contexto de circulação desse texto, motivo que reforça a associação entre seleção lexical, abordagem temática e situação comunicativa. Também é possível perceber que (ii) as videoaulas, mesmo ao tentarem abordar essas relações entre léxico e fatores textuais, ainda o fazem com pouca consistência teórica, o que incorre, por vezes, em equívocos conceituais. Isso pode ser explicado pelo processo de didatização, ao se buscar, inadequadamente, uma simplificação muito grande de conteúdos para facilitar a informação, ou mesmo pelo próprio ato de roteirizar videoaulas mais simplificadas para ganhar mais alcance. Independentemente de qual hipótese seguir para essa explicação, tomamos como evidentes os problemas de ordem linguística encontrados nas videoaulas.

## 4.2 Perspectivas de análise linguística

No que diz respeito às perspectivas de análise linguística (AL) subjacentes às videoaulas analisadas, constatamos a presença de duas ocorrências referentes à concepção inovadora, duas concernentes à conciliadora e uma alinhada à conservadora. Para uma melhor compreensão, sistematizamos as ocorrências no seguinte quadro:

**Quadro 2: Perspectivas de Análise Linguística**

Perspectivas de AL	Videoaulas	Canal/Plataforma
Inovadora	<i>Adequação vocabular Interlocução e posicionamento</i>	Geekie Games
Conciliadora	<i>Adequação Linguística</i>	Estude & Passe

	<i>Aspectos lexicais e semânticos da produção textual</i>	Canal Futura
Conservadora	<i>Escolhas vocabulares</i>	Stoodi

Fonte: Autoria própria (2024).

As videoaulas alinhadas à perspectiva inovadora de AL foram *Adequação vocabular e Interlocução e posicionamento*, que compõem uma sequência de explicações acerca do mesmo conteúdo, na Geekie Games. Em ambas as ocorrências, faz-se uso de textos dos mais variados gêneros — fragmentos de narrativas, manchetes, questões de vestibulares — a partir dos quais se destacam os efeitos de sentido provocados pelos vocábulos empregados. Por mais que alguns dos exemplos se apresentem sob a forma de fragmentos de textos maiores — e não poderia ser diferente, considerando o formato das aulas — evidencia-se a preocupação com a compreensão global dos alunos, posto que brevemente são retomadas informações quanto ao contexto, o autor e suas possíveis intenções ao produzir o texto. No diálogo extraído da obra *A hora e a vez de Augusto Matraga*, por exemplo, somos guiados à reflexão sobre moldar-se ao seu ouvinte apenas após entendermos quem são as personagens envolvidas na cena e por que expressões como “entortado no verde” contribuem para a apreensão significativa do sermão do padre.

Quanto à perspectiva conciliadora, verificamos as videoaulas *Adequação Linguística e Aspectos lexicais e semânticos da produção textual*. Retomando a definição de Bezerra e Reinaldo (2020), a tendência conciliadora de AL se concretiza nas ocorrências que apresentam uma nomenclatura que dialoga com os estudos da Linguística do Texto, algo observado já nos títulos concedidos aos materiais.

O vídeo do canal Estude & Passe pode ser caracterizado como conciliador, dado que é composto majoritariamente de explicações voltadas à importância de uma lista de fatores — interlocutor, contexto, propósito — na elaboração discursiva dos enunciados, que não surgem de um vácuo, mas são arquitetados conforme o falante analisa a situação e opta por um vocábulo em detrimento de outro. Entretanto, os exemplos utilizados estão restritos ao nível frástico, pois são gerados de modo espontâneo apenas para explicar os fatores citados no vídeo, ou seja, não são situações reais de uso ou mesmo textos ficcionais produzidos em outras esferas comunicativas. São construções *ad hoc*, o que pode ser associado às perspectivas de análise linguística de cunho formalista, cujo objeto de estudo recai sobre unidades menores de análise, como a frase. Há, dessa forma, a interação entre aspectos da tradição — o uso de frases desconexas de uma realidade extralinguística — e aspectos da textualidade — a importância das escolhas vocabulares na produção dos efeitos de sentidos. Os conteúdos se aproximam ao modelo costumeiramente assumido em sala de aula e que serve, nos casos de urgência, como uma revisão.

O mesmo ocorre com a videoaula produzida pelo Canal Futura, que segue a exata estrutura da ocorrência anterior: apresentação consciente e situada do papel fundamental que a seleção lexical exerce na interação entre os falantes de uma língua, com destaque para a importância de moldar suas escolhas em função do leitor e, principalmente, dos gêneros textuais produzidos em âmbito acadêmico, acompanhada de um leque de situações hipotéticas geradas exclusivamente para a aula. Ressaltamos, ainda, que essa “mescla” de correntes teóricas no momento de abordagem da seleção lexical não deve ser interpretada como o encaixe equivalente entre as perspectivas — tradição e inovação — uma vez que, em ambos os casos, sobressai-se a atenção em instruir os educandos a selecionar palavras adequadas para compor seus discursos e, especialmente, expandir o seu repertório lexical de forma consciente e efetiva, ao passo que os exemplos ocupam um espaço menos significativo de tempo e explanação. Subvertem, pois, esta categoria, ao passo que abrigam em seu cerne propostas vistas, em um primeiro momento, como dicotômicas, mas que se complementam em diferentes medidas, suprimindo possíveis lacunas umas das outras — as frases

soltas, nas videoaulas em questão, suprem, ao menos parcialmente, a ausência de situações legítimas de uso da língua que poderiam vir a ser utilizadas em videoaulas alinhadas somente à inovação.

Em perspectiva tradicional, há o vídeo *Escolhas vocabulares*, da Stoodi. Nele, é possível observar inúmeros problemas de conteúdo, como a falsa equivalência entre norma culta e formalidade, ou a perpetuação de informações obsoletas, como é o caso da escrita obrigatória de um texto impessoal para atender ao gênero dissertativo-argumentativo. O segundo momento da aula, por sua vez, é direcionado à correção de um parágrafo introdutório de redação, em que há a substituição das expressões utilizadas por outras consideradas mais adequadas. Alguns dos critérios mobilizados, porém, são arbitrários — remover o vocábulo “atualmente” porque é clichê, como podemos observar no excerto “nós vamos perceber expressões como 'atualmente', que demarcam pra gente um problema chamado clichê. O que seria o clichê? Clichê é quando uma ideia é usada várias vezes, ela já tá batida, repetida no uso de textos” (03:22 - 3:34, Stoodi). Nessa ocorrência, o exemplo utilizado foi extraído de uma redação produzida por um aluno não identificado, o que configura material redigido com finalidade, gênero textual e interlocução preestabelecidos. Todavia, mesmo que haja a possibilidade de categorizá-la na perspectiva conciliadora por essa escolha, o caráter de uso legítimo da língua – intrínseco ao texto – é desconsiderado. Essa redação não é lida e trabalhada na íntegra, pois o foco permanece restrito ao parágrafo introdutório, e os conteúdos abordados na videoaula, além de muitas vezes equivocados, não apontam para a infinidade de sentidos contida em cada um dos vocábulos que integram a superfície textual, mas para a sua substituição.

### Considerações finais

Considerando a necessidade de empreender pesquisas voltadas para o estudo da AL em diferentes contextos de ensino-aprendizagem, este trabalho realizou a delimitação dos objetos de conhecimento referentes à abordagem da seleção vocabular em videoaulas de Língua Portuguesa, que culminou na identificação de oito ocorrências, a saber: adequação ao tema (2), propósito (2), interlocutor (2), gênero textual (1) e contexto (1). Já no que diz respeito ao reconhecimento das perspectivas de análise linguística subjacentes às aulas catalogadas, destacamos a predominância de produções alinhadas às concepções inovadora e conciliadora, constatação promissora, que aponta para um cenário de renovação com relação ao tratamento do componente lexical em aulas de LP.

Vale ressaltar ainda que é preciso efetuar recortes no que tange à análise do *corpus*, tendo em vista que as aulas observadas não estão condicionadas às variáveis que determinam situações presenciais de ensino, mas, sim, foram disponibilizadas em plataformas digitais educativas. O suporte em que estão hospedadas, portanto, exige demandas específicas de adequação, como é o caso da concisão do conteúdo e, conseqüentemente, dos exemplos. Uma videoaula de dez minutos, por exemplo, não é extensa o suficiente para realizar um trabalho de reflexão linguística com um romance na íntegra. Dessa forma, os produtores de conteúdo lançam mão de fragmentos que, apenas se contextualizados, podem operar satisfatoriamente a função de ilustrar o objeto de estudo.

Assim sendo, salientamos a importância de um trabalho com o léxico que transborde as barreiras de um ensino integralmente desenvolvido à luz de concepções meramente formais, que esteja articulado às demais dimensões de um componente linguístico volátil e multifacetado como o lexical. O texto como objeto central do desenvolvimento de competências de leitura e escrita possibilita a formação de indivíduos críticos, capazes de produzir e refletir sobre essas produções, guiados pela ideia precípua de que o texto não é um produto acabado que se volta sobre si mesmo, mas configura-se enquanto um contínuo e consciente processo de revisão e de reformulação. Defendemos, portanto, uma abordagem textual-interativa, em que o trabalho com léxico seja ministrado a partir do contexto sociocomunicativo, da cultura, dos gêneros textuais, do discurso, etc. Nessa vertente, há a valorização de sua interação com os demais subsistemas que estruturam a

língua, visto que é indispensável, para sua utilização, partir do texto como uma unidade. Aqui, as habilidades de leitura e escrita são ampliadas mediante os estudos de vocabulário, nexos coesivos e produção de sentidos, fundamentais para a organização de um texto.

### Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irlandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

ANTUNES, Irlandé. No meio do caminho tinha um equívoco: gramática, tudo ou nada. In: BAGNO, Marcos. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.

BAGNO, Marcos. Norma linguística, hibridismo & tradução. *Traduzires*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 19-32, maio, 2012.

BEZERRA, Maria Aline Rodrigues. *Orientações para avaliação da seleção lexical em redações: análise de critérios em exames vestibulares*. 2021. 72 f. Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2021.

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. *Análise linguística: afinal a que se refere?* 2. ed. Recife/ Campina Grande: Pipa Comunicação/EDUFCG, 2020.

BISPO, Edvaldo Balduino; CORDEIRO, Fernando da Silva; LUCENA, Nedja Lima de. Funcionalismo linguístico e ensino de português: convergências, possibilidades e prática docente. *Revista do GELNE*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 192–207, 2022.

CARDOSO, Elis de Almeida. O léxico na sala de aula: da teoria à prática pedagógica. In: VALENTE, André Crim (org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola, 2015. p. 118-124.

CASTRO, Maria Lúcia Souza. Escolhendo palavras: seleção lexical e fatores que a condicionam. *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 1, n° 1, p. 55-61, jan./jun, 2001.

FREIRE, Gesseldo de Brito. Produção de sentidos a partir da seleção lexical em capas de jornais. In: BAALBAKI, Angela et al. (orgs.). *Linguagem, teoria, análise e aplicações (8)*. Rio de Janeiro: UERJ / Programa de Pós-graduação em Letras, 2015. p. 418 - 434.

GERALDI, João Wanderley. Sala de aula: espaço de “inéditos viáveis”. *Educação, Sociedade & Culturas*, [S. l.], n. 54, p. 31–45, 2019.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil. 2018.

MAZZEU, Ian Rittmeister. *Produção de videoaulas para EaD: contribuições para o diálogo com educandos*. 2012. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Som, Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2012.

MUSSIO, Simone Cristina. Novos gêneros do discurso, novas formas de ensino: as diferenças entre as videoaulas na atualidade. *Texto livre: linguagem e tecnologia*, v. 11, n. 2, p. 92-104, mai.-ago. 2018.

MUSSIO, Simone Cristina. Do presencial ao digital: um diálogo com o gênero videoaula youtubiano de escrita científica. *Revista Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 18, n. 3, p. 334-348, set/dez, 2016.

NEVES, Herbertt. *Argumentatividade das palavras*: construção de aparato textual-interativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018. 2020. 259 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

OLIVEIRA, Luma Dittrich de. *O gênero videoaula*: deslocamentos e manutenções na cibercultura. 2020. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.

PAIVA, Vera Lúcia. O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

ROCHA, Claudia Moura da. A seleção lexical e o humor: a importância da escolha vocabular para a construção do sentido. In: SIMÕES, Darcilia Simões *et al.* (orgs.). *Mundos semióticos possíveis*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008. p. 133-149.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. *Letramentos, mídias, linguagens*. São Paulo: Parábola, 2019.

SERRA, Luís Henrique. O ensino de vocabulário na sala de aula: reflexões e práticas para a produção de textos na educação básica. *Afluente: Revista de Letras e Linguística*, v. 1, n. 1, 2016.

SILVEIRA, Ana Paula Kuczmynda da; DAGA, Aline Cassol; EUZÉBIO, Michelle Donizeth; HACK, Josias Ricardo; KRUGER, Simone Lesnhak. Uma breve revisão histórica do papel das videoaulas na EaD no Brasil. *Working Papers em Linguística*, v. 11, n. 2, p. 53-66, 2010.

Submetido em 14/03/2024

Aceito em 07/08/2024